**Uma imagem com texto, homem, pessoa, póster

Os conteúdos gerados por IA podem estar incorretos.Solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo 2025**

**RITOS INICIAIS**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial**

P. Em dia de Domingo, o primeiro da semana, celebramos a Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo. “Estes são os Apóstolos que durante a sua vida na terra plantaram a Igreja com o seu sangue, beberam o cálice do Senhor e tornaram-se amigos de Deus” (Ant. Entrada)! Numa mesma Solenidade, a Igreja celebra o martírio de Pedro, apóstolo e de Paulo, doutor dos gentios. Ambos trabalharam, cada um segundo a sua graça, para formar a única família de Cristo. A Igreja neles alicerçada celebra em festa o dom generoso das suas vidas. E proclama as maravilhas de Deus.

**Ato penitencial**

P. Ao Senhor que nos liberta de todos os temores, confessemos a nossa miséria e invoquemos a sua misericórdia...

**Senhor**, rochedo de água-viva para a vida do mundo, **tende piedade de nós!**

**Cristo**, Pedra Angular da Igreja em construção, **tende piedade de nós!**

**Senhor**, Presença firme e fiel a nosso lado, **tende piedade de nós!**

**Hino do Glória | Oração coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

Em todas as Missas, seguir a proposta das Leituras para a Missa do Dia

* **1.ª leitura:** At 12, 1-11
* **Salmo Responsorial:** Sl 33 (34), 2-3.4-5.6-7.8-9 (R. 5b)
* **2.ª leitura:** 2 Tm 4, 6-8.17-18
* **Evangelho:** Mt 16, 13-19

**HOMILIA** **NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO (1)**

Inspirada na Homilia do Papa Francisco 29.06.2024 || A imagem da Porta

Fixemos o nosso olhar nos dois Apóstolos, Pedro e Paulo: Pedro, o pescador da Galileia que Jesus fez pescador de homens; Paulo, o fariseu perseguidor da Igreja transformado pela Graça em evangelizador dos gentios. Ao encontrarem o Senhor, fizeram uma verdadeira experiência pascal: foram libertados e *abriram-se diante deles* ***as portas de uma vida nova***. Irmãos e irmãs, em pleno Ano jubilar, detenhamo-nos precisamente na imagem da *Porta*. Com efeito, o Jubileu é um tempo de graça, no qual se abre a **Porta Santa,** para que todos possam atravessar o limiar daquele santuário vivo, que é Jesus. Também na história de Pedro e Paulo **há portas que se abrem**.

1. A primeira leitura contou-nos o acontecimento da libertação de Pedro da prisão. Esta narrativa tem muitas imagens que nos recordam **a experiência da Páscoa**: o episódio ocorre durante a festa dos Ázimos; Herodes recorda a figura do Faraó do Egito; a libertação tem lugar de noite, como aconteceu com os israelitas; o anjo dá a Pedro as mesmas instruções que foram dadas a Israel: levanta-te depressa, põe o cinto, calça as sandálias (cf. *At* 12, 8; *Ex* 12, 11). Portanto, o que nos é contado é **uma espécie de novo êxodo**. Naquela noite de libertação, abrem-se milagrosamente as portas da prisão; depois diz-se, de Pedro e do anjo que o acompanha, que eles estão diante da *«****porta de ferro que dá para a cidade, a qual se abriu por si mesma***» (*At* 12, 10). Não são eles que abrem a porta, **ela abre-se por si mesma. É Deus que abre as portas, é Ele quem liberta e abre caminhos**. A Pedro Jesus tinha confiado as chaves do Reino; mas ele percebe **que é o Senhor quem realmente abre primeiro as portas**. Ele vai sempre à nossa frente. Quantas vezes as comunidades cristãs não aprendem esta sabedoria de abrir as portas e se comportam como alfandegárias ou fiscais da fé.

2. O caminho do apóstolo Paulo é, também **uma experiência de Páscoa.** Efetivamente, primeiro ele é transformado pelo Ressuscitado no caminho de Damasco e, depois, na contemplação contínua de Cristo crucificado, descobre a graça da fraqueza: quando somos fracos – afirma – é então que somos realmente fortes, porque já não nos apegamos a nós mesmos, mas a Cristo (cf. *2 Cor* 12, 10). Alcançado pelo Senhor e crucificado com Ele, Paulo escreve: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*» (*Gl* 2, 20). Precisamente para contar como o Senhor lhe deu tantas oportunidades de anunciar o Evangelho, Paulo recorre à imagem das portas abertas. Sobre a sua chegada a Antioquia juntamente com Barnabé, diz-se que «*assim que chegaram, reuniram a igreja e contaram tudo o que Deus fizera com eles, e como abrira aos pagãos* ***a porta da fé***» (*At* 14, 27). Do mesmo modo, dirigindo-se à comunidade de Corinto, diz: «***abriu-se ali uma porta larga e propícia***» (*1 Cor* 16, 9); e escrevendo aos Colossenses, exorta-os assim: «*orai também por nós, para que Deus abra uma porta à nossa pregação, a fim de que eu anuncie o mistério de Cristo*» (*Col* 4, 3).

3. Que a experiência de passar pela *Porta Santa* de uma Igreja Jubilar, nos ensine a aproveitar ***as portas que se abrem***, nestes tempos que vivemos: há menos crianças na catequese, apostemos mais na catequese de adultos; há mais imigrantes entre nós, deixemo-los entrar e enriquecer-nos pela sua fé ativa e afetiva; há menos celebrações dos sacramentos, apostemos mais no anúncio da Palavra e na formação; há mais funerais que batismos, aproveitemos para fazer o anúncio do mistério central da fé: a Páscoa. Há menos intenções e celebrações de Missas, aproveitemos para lhes dar maior qualidade litúrgica; há menos casamentos católicos, aproveitemos para testemunhar a beleza do matrimónio cristão; há mais gente nas redes sociais, do que nos bancos da Igreja, aproveitemos para lançar aí as redes do Evangelho. Há mais idosos em casa e em lares, de portas abertas, saiamos mais ao seu encontro. Há mais lugares vazios nas Igrejas, haja maior proximidade e familiaridade entre os presentes e maior preocupação missionária com os ausentes.

Pedro e Paulo, Apóstolos, nos ajudem a abrir a porta da nossa vida ao Senhor Jesus. E a fazer de todas as portas abertas uma janela de oportunidade para o anúncio de Cristo.

**HOMILIA NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO 2025 (2)**

Inspirada na Homilia do Papa Francisco em 29 de junho de 2023 || Seguimento e anúncio

«E *vós, quem dizeis que Eu sou?*» (*Mt* 16, 15). Esta é a pergunta fundamental, que, por coincidência, nos aparece este ano em dois domingos sucessivos, ora na versão de Lucas, como aconteceu no domingo passado, ora na versão de Mateus, como acontece hoje. No passado domingo, insistimos na dupla dimensão desta resposta: pessoal e comunitária. Hoje poderíamos ver como é que Pedro e Paulo, homens com histórias de vida tão diferentes, responderam a esta pergunta.

1. A resposta de Pedro poder-se-ia resumir numa palavra**: *seguimento***. Pedro vive os seus dias no seguimento do Senhor. Naquele dia, quando Jesus interpelou os discípulos em Cesareia de Filipe, Pedro respondeu com uma estupenda profissão de fé: «*Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo*» (*Mt* 16, 16). Uma resposta impecável, precisa, pontual! Poderíamos falar de uma resposta «de catecismo» perfeita. Mas tal resposta é fruto de um caminho: só depois de ter vivido a fascinante aventura de seguir o Senhor, só depois de ter caminhado com Ele, seguindo os seus passos durante muito tempo, é que Pedro chegou àquela maturidade espiritual que, por graça, por pura graça, o leva a tão clara profissão de fé. De facto, Pedro largou tudo, para ir atrás do Senhor. E o Evangelho sublinha: «*imediatamente*». Pedro não disse a Jesus que iria pensar nisso, não fez cálculos para ver se lhe convinha, não apresentou desculpas para adiar a decisão, mas deixou as redes e seguiu-O, sem pedir antecipadamente qualquer segurança. Haveria de descobrir tudo ***dia após dia***, no seguimento de Jesus, caminhando atrás d’Ele. Não é por acaso que as últimas palavras – segundo os Evangelhos – que Jesus lhe dirige são: «*Tu, segue-Me*» (*Jo* 21, 22), isto é, **o seguimento.** Assim Pedro diz-nos que, à pergunta «**quem é Jesus para mim**», não basta responder com uma fórmula doutrinal impecável nem mesmo com uma ideia, que formamos de uma vez por todas. Não. **É perseverando todos os dias, no seguimento do Senhor**, que aprendemos a conhecê-Lo; é fazendo-nos seus discípulos e acolhendo a sua Palavra que nos tornamos seus amigos e experimentamos o amor d’Ele que nos transforma. Aquela anotação «***imediatamente***» vale também para nós: se há tantas coisas na vida que podemos adiar, o seguimento de Jesus não pode ser uma delas; nisto não se pode hesitar, nem apresentar desculpas. Tal é a lição que Pedro nos dá hoje, convidando-nos a seguir Jesus no caminho, a seguir Jesus como o Caminho, a seguir o caminho de Jesus, até ao ponto de dizer como ele «A quem iremos, Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna!» (Jo 6,68-69).

2. Consideremos agora Paulo, o Apóstolo dos gentios. Se a resposta de Pedro consistia no seguimento, a de Paulo é ***o anúncio*** do Evangelho. Também para ele, tudo começou por graça, por iniciativa do Senhor. Paulo consagra a sua vida a percorrer terra e mar, cidades e aldeias, não se importando de padecer carências e perseguições, contanto que possa anunciar Jesus Cristo. Por outro lado, quase parece que ele, quanto mais anuncia o Evangelho, tanto mais conhece Jesus. O anúncio da Palavra aos outros permite-lhe, a ele também, penetrar nas profundezas do mistério de Deus; a ele, Paulo, que escreveu «***ai de mim se eu não evangelizar***» (*1 Cor* 9, 16); a ele que confessa, «*para mim, viver é Cristo*» (*Fl* 1, 21). Portanto Paulo diz-nos que, à pergunta «quem é Jesus para mim?», não se responde com uma religiosidade intimista, que nos deixa tranquilos, sem fomentar em nós a inquietação de levar o Evangelho aos outros. **O Apóstolo ensina que crescemos tanto mais na fé e no conhecimento de Cristo, quanto mais formos seus arautos e testemunhas.** E isto acontece sempre: ***Quanto mais evangelizamos, mais somos evangelizados! Quanto mais somos evangelizados, mais nos tornamos evangelizadores.***

3. Irmãos e irmãs, festejamos Pedro e Paulo. Eles responderam à pergunta fundamental da vida – «Quem é Jesus para mim»? – vivendo o seguimento de Jesus e anunciando o Evangelho. Caminhemos juntos, caminhemos juntos no seguimento de Cristo e no anúncio da Palavra. Que Pedro e Paulo nos acompanhem e intercedam por todos nós!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO (3)**

PROFISSÃO DE FÉ DO 6.º ANO 2025

**1.** No final de mais um ano pastoral, também nós somos chamados a exame, com duas perguntas muito simples: a primeira, de consulta livre, e a segunda, de desenvolvimento pessoal. A **primeira pergunta** de Jesus é esta: «***Quem dizem os homens que Eu sou***»? Quando se trata de dizer o que outros pensam de Jesus, é muito fácil responder! Podemos consultar a Bíblia, ler o catecismo, recolher uma resposta, em tantos livros, de autores cristãos, ou fazer uma busca na internet ou no chatgpt! Sempre encontraremos alguma resposta satisfatória! **A segunda** é uma pergunta muito mais difícil. Jesus pede uma resposta pessoal: «**E vós quem dizeis que Eu sou**»? É como se Jesus te perguntasse: «*Quem sou Eu para Ti*»? Como poderemos dar esta resposta da fé? Aprendamo-lo de Pedro e de Paulo:

**2.** Pedro respondeu bem. Não porque estudou mais ou fosse mais inteligente. Pedro respondeu bem, porque conheceu e descobriu Jesus, seguindo-O dia após dia. Para responder bem à pergunta de Jesus, «*quem dizeis vós que Eu sou*», é preciso andar com Jesus, é preciso escutar Jesus, é preciso caminhar com Ele, é preciso seguir Jesus, viver na amizade com Ele. **O seguimento de Jesus é a nossa verdadeira fonte de conhecimento da Sua pessoa**! Mas há uma segunda coisa a registar: Na resposta de Pedro, de algum modo, ecoa e ressoa a voz de todos e de cada um dos Doze. A **vida cristã não é vivida isoladamente**. “*Ninguém é cristão sozinho! Fazemos parte de um povo, de um corpo que o Senhor constituiu. A vida cristã não é vivida isoladamente, como se fosse uma aventura intelectual ou sentimental, confinada na nossa mente e no nosso coração. Vive-se com outros, em grupo, em comunidade, porque Cristo ressuscitado se faz presente entre os discípulos reunidos em seu nome*” (Leão XIV, Discurso, 6.6.2025). Professamos a fé da Igreja e dizemo-la de viva-voz diante dos outros: «*Sim creio*». Ao mesmo tempo este «*Sim, creio*» é uma resposta pessoal a tudo o que juntos acreditamos. Dizer «*Eu creio*» é dizer “*Eu creio em tudo o que «nós cremos*»”. Este «***nós cremos***» apareceu pela primeira vez no Concílio de Niceia, no ano 325. Naquele «*Nós*», todas as Igrejas se encontravam em comunhão e todos os cristãos professavam a mesma fé (SNC 17). Só podemos ser cristãos, seguindo Jesus, unidos a todos aqueles que O seguem!

**3.** Mas também Paulo nos ensina que outra forma de conhecer Jesus cada vez mais é anunciá-l’O aos outros. Por isso dizia: «*Ai de mim se não anunciar o Evangelho*” (1 Cor 9, 16). Crescemos tanto mais na fé e no conhecimento de Cristo, quanto mais formos seus arautos e testemunhas. Quanto mais evangelizamos, mais somos evangelizados! Quanto mais somos evangelizados, mais nos tornamos evangelizadores.

**4.** Não nos é muito difícil «*professar aqui a nossa fé*», com o apoio e o aplauso de tantos! É bem mais difícil «*professar a fé*», com a nossa vida: lá fora, na escola, ou no trabalho, no grupo de amigos, nos ambientes da nossa vida! Não faltam contextos em que a fé cristã é considerada uma coisa absurda, para pessoas fracas e pouco inteligentes. São ambientes onde não é fácil anunciar o Evangelho, onde quem acredita se vê ridicularizado, desprezado, ou, quando muito, suportado e digno de pena. No entanto, precisamente por isso, são lugares onde a missão se torna urgente.

**5.** Queridos meninos e meninas: Rezaremos, já de seguida o Credo, professando a nossa fé, para repetir hoje, com Pedro, com Paulo, com os discípulos, com toda a fé da Igreja: *Tu és o Messias de Deus (Lc 9,20), Tu és o Filho de Deus vivo (Mt 16,6).* *Tu és o único Salvador.*

Mas – antes disso e a sós, no segredo da nossa oração e do nosso coração – façamos a nossa pessoal Profissão de fé… dizendo a Jesus tudo o que Ele é para nós: “*Tu és o Caminho, a Verdade, a Vida, o Amigo, o Companheiro, o Esposo, a Luz, o Pão, o Pastor, a Porta, a Misericórdia, a Salvação, a Alegria, a Paz sem fim*”... É isto que Jesus é para mim?!

No final da Homilia ou depois comunhão, podem ler-se alguns destes textos «Quem é Jesus para ti”?

**SÃO PAULO VI**

Jesus, Tu és o vértice das nossas aspirações,

o termo das nossas esperanças e das nossas orações!

Jesus, Tu é o foco de todos os desejos da história e da civilização,

és o Messias, o centro da humanidade!

Jesus, Tu és Aquele que dá valor às ações humanas,

formas em nós a alegria e sacias na plenitude os desejos de todos os corações!

Jesus, Tu és o verdadeiro homem, o protótipo da perfeição, da beleza e da santidade,

oferecido por Deus, para mostrar a cada pessoa,

o rosto e a medida do verdadeiro Homem.

Jesus, Tu és o irmão de todos, o amigo insubstituível,

o único digno de toda a confiança e de todo o amor:

Tu és o Cristo-Homem!

Jesus, Tu és a nascente de toda a verdadeira felicidade,

és a Luz, pela qual a morada deste mundo

ganha proporções, forma, beleza e sombra!

Jesus, Tu és a Palavra que tudo define, tudo explica, tudo clarifica e tudo redime!

Jesus, Tu és o princípio da nossa vida espiritual e moral

Tu nos dizes o que havemos de fazer e dás-nos a força e a graça, para o fazermos bem;

Jesus, Tu refletes a tua imagem e a tua presença,

em cada alma que se torna espelho

para acolher o teu raio de verdade e de vida, em cada pessoa que crê em Ti

e acolhe o teu contacto sacramental.

Jesus, Tu és o Cristo Deus, o Mestre, o Salvador, a Vida!

Alocução de 3 de Fevereiro de 1964 (Adaptado)

No final da Homilia ou depois comunhão, podem ler-se alguns destes textos «Quem é Jesus para ti”?

**SANTA MADRE TERESA DE CALCUTÁ**

1. Jesus, Tu és a Palavra, que havemos de anunciar!
2. Jesus, Tu és a Verdade, que havemos de gritar!
3. Jesus, Tu és o Caminho, que havemos de percorrer!
4. Jesus, Tu és a Luz, que havemos de acender!
5. Jesus, Tu és a Vida, que havemos de viver!
6. Jesus, Tu és o Amor, que havemos de amar!
7. Jesus, Tu és a Alegria, que havemos de partilhar!
8. Jesus, Tu és o Sacrifício, que havemos de oferecer!
9. Jesus, Tu és a Paz, que havemos de levar!
10. Jesus, Tu é o Faminto, a quem havemos de matar a fome!
11. Jesus, Tu és o Sedento, a quem havemos de matar a sede!
12. Jesus, Tu és o Nu, que havemos de vestir!
13. Jesus, Tu és o Sem teto, que havemos de abrigar!
14. Jesus, Tu és o Doente, que havemos de tratar!
15. Jesus, Tu és o Abandonado, que havemos de amar!
16. Jesus, Tu és o Não querido, que havemos de querer!

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãos e irmãs: Na Solenidade dos santos apóstolos Pedro e Paulo, apresentemos a Deus Pai as nossas súplicas, pelas necessidades de todo o mundo, dizendo, cheios de esperança:

1. Pela Santa Igreja, fundada sobre a fé dos Apóstolos Pedro e Paulo: para que volte a descobrir a beleza e responsabilidade de seguir Cristo e de anunciar o Evangelho. Oremos, irmãos.
2. Pelo Papa Leão XIV, sucessor do apóstolo São Pedro: para que confirme na fé os seus irmãos e seja sinal e construtor da unidade de toda a Igreja. Oremos, irmãos.
3. Pelos que governam: para que sejam construtores de pontes e não de muros e promovam um mundo, onde todos possam viver como irmãos. Oremos, irmãos.
4. Pelos cristãos perseguidos: para que a oração perseverante da Igreja lhes obtenha a paz e a liberdade e o seu testemunho reanime a fé dos mais frágeis. Oremos, irmãos.
5. Por todos nós: para que sejamos uma comunidade de portas abertas, para que todos possam entrar e ter acesso a Cristo e para que todos possam sair em missão pelo mundo. Oremos, irmãos.

P. Deus, clemente e cheio de compaixão, atendei o povo que Vos suplica e, por intercessão dos apóstolos São Pedro e São Paulo, concedei-nos o que humildemente Vos pedimos, para que possamos atravessar todas as portas abertas e fazer delas janelas de oportunidade para o anúncio do Evangelho. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons | Cântico de Ofertório | Oração sobre as Oblatas |

Prefácio «A dupla missão de Pedro e Paulo na Igreja» | Santo | Oração Eucarística II |

**Ritos da Comunhão:**

**Pai Nosso:** “Cada um segundo a sua graça, ambos trabalharam para formar a única família de Cristo”. Como família reunida em Cristo, Pedra Angular, sentimo-nos filhos à volta da mesa do Pai e ousamos dizer...

**Rito da Paz:**

P. Pedro, rude pescador. Paulo intelectual convertido. Um mais sensível à instituição. O outro mais livre no carisma. Ambos iguais na paixão por Cristo e pela Igreja. Todos iguais. Todos diferentes, no mesmo dom da sua vida. É assim que se cimenta a construção espiritual deste Templo Santo de Deus. É assim que cresce qualquer obra de Deus. Neste espírito de acolhimento e aceitação recíprocos trocamos o gesto da Paz.

**Diácono:** Saudai-vos na Paz de Cristo!

Comunhão e Cântico de comunhão | oração pós-comunhão

**RITOS FINAIS**

**AGENDA PASTORAL – SENHORA DA HORA**

1. No mês de julho, a **Missa Vespertina, aos sábados**, será às 19h00 (exceto no dia 12, no Parque das 7 Bicas, às 15h00).
2. No sábado, dia 05, às 11h00, na nossa Igreja Paroquial, há uma celebração da Eucaristia, comemorativa dos 60 anos de matrimónio de Amélia e Francisco Águas.
3. No próximo fim de semana, de 5 e 6 de julho, em Guifões, haverá uma única celebração: Missa campal da Festa em honra de São Martinho, às 10h00.
4. No sábado, dia 12, na nossa Paróquia da Senhora da Hora, há uma Missa campal, no Parque das Sete Bicas, com escuteiros, às 15h00, aberta a todos.
5. **Inscrições na Catequese até 31 de julho:**

**1)** das crianças batizadas e não batizadas, nascidas em 2019 para o 1.º ano;

**2)** dos que desejam frequentar pela primeira vez a catequese, em qualquer idade. Apresentar cartão de cidadão ou certidão de nascimento, comprovativo do batismo (se for o caso) e contribuição de 15 euros. Dos que já frequentam a Catequese, presume-se a renovação da inscrição, se não for dito nada em contrário. A catequese de 2025-2026 deverá começar a 27 de setembro para o 1.º ano e a 4 de outubro, para os restantes anos.

1. Sexta-feira, 11 de setembro, às 21h00, Assembleia paroquial, pro grupos e em plenário, com todos os colaboradores dos diversos grupos pastorais, para avaliação prospetiva do ano pastoral.
2. **Peregrinação diocesana a Fátima, 20 de setembro**. Se forem, por meios próprios, devem dar informação à Paróquia, até ao dia 30 de julho, para receberem depois um kit. Se pretenderem ir de autocarro, contratado pela Paróquia, devem inscrever-se atempadamente, até ao dia 15 de julho, e pagar a respetiva inscrição: e pagar a respetiva inscrição: 15 euros para os catequizandos; 20 € para os demais.

**AGENDA PASTORAL – GUIFÕES**

1. A missa ferial, habitualmente às quintas-feiras, nesta semana será na próxima segunda-feira, às 19h00, por causa de arranjos florais.
2. No próximo sábado, dia 5, não há Missa Vespertina. Às 17h30 há a memória do Batismo para as crianças batizadas, que nasceram entre 2020 e 2024. Hastear das Bandeiras, às 18h30.
3. No próximo domingo, dia 6, não há Missa na Igreja da Sagrada Família. Retomaremos as Missas dominicais na Igreja da Sagrada Família, a 13 de julho, no horário habitual das 09h00.
4. No próximo domingo, dia 6, há uma única celebração da Eucaristia: Missa campal da Festa em honra de São Martinho, com encerramento da catequese, às 10h00.
5. No próximo domingo, dia 6, **Procissão em honra de São Martinho**, às 17h00.
6. **Inscrições na Catequese até 31 de julho:**

**1)** das crianças batizadas e não batizadas, nascidas em 2019 para o 1.º ano;

**2)** dos que desejam frequentar pela primeira vez a catequese, em qualquer idade. Apresentar cartão de cidadão ou certidão de nascimento, comprovativo do batismo (se for o caso) e contribuição de 15 euros. Dos que já frequentam a Catequese, presume-se a renovação da inscrição, se não for dito nada em contrário. A catequese de 2025-2026 deverá começar a 18 de outubro para o 1.º ano e a 11 de outubro, para os restantes anos.

1. **Peregrinação diocesana a Fátima, 20 de setembro**. Se forem, por meios próprios, devem dar informação à Paróquia, até ao dia 30 de julho, para receberem depois um kit. Se pretenderem ir de autocarro, contratado pela Paróquia, devem inscrever-se atempadamente, até ao dia 15 de julho, e pagar a respetiva inscrição: 15 euros para os catequizandos; 20 € para os demais.

**Bênção**

**Despedida**

P. Abri a porta da vossa vida ao Senhor Jesus.

E fazei de todas as portas abertas

uma janela de oportunidade

para o anúncio de Cristo!

Diácono:

Peregrinos de esperança,

ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**Oração de bênção da mesa || 29.06.2025**

Senhor Jesus:

Tu dás-nos hoje a alegria de celebrar

a Festa dos Apóstolos Pedro e Paulo.

Tão diferentes, ambos trabalharam,

cada um segundo sua a graça,

para fazer da Tua Igreja

uma só família de irmãos.

Abençoa esta mesa,

para que, na partilha do pão,

sejamos, também nós,

uma só carne, uma só alma

e um só coração.

Ámen**.**

**Uma imagem com texto, vestuário, fruta, pessoa

Os conteúdos gerados por IA podem estar incorretos.**

**HOMILIAS**

**NA SOLENIDADE**

**DOS APÓSTOLOS**

**PEDRO E PAULO**

**HOMILIA NA FESTA DA PROFISSÃO DE FÉ E ENTREGA DO CREDO 6.º ANO**

**Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo**

Queridos meninos, caríssimos pais, caros catequistas, irmãos e irmãs:

1. Jesus faz-nos hoje duas perguntas:

**1.1.** **A primeira**, muito fácil: «*quem dizem os homens, que Eu sou*?» Os discípulos dão conta a Jesus, do que pensam as pessoas acerca d’Ele. Jesus estava «*bem visto*» pelas pessoas. Muitos viam nele um grande profeta, um grande mestre, um grande homem! Alguém que ia ficar para a história, como Jeremias ou Elias.

**1.2.** Mas Jesus não ficou satisfeito, com a resposta! E então decide fazer **uma segunda pergunta**, **uma espécie de «prova de aferição»** sobre o conhecimento pessoal que os seus discípulos têm d’Ele: «*E vós quem dizeis que Eu sou*»? Aí a resposta tornara-se mais difícil. Devem ter olhado uns para os outros, devem ter recordado as palavras de Jesus. Devem ter recorrido à memória de alguns dos seus gestos, mas estava difícil. Quem vai responder? Quem responde pelo grupo? É Pedro! Pedro, pelos vistos, não era nem o mais inteligente, nem o mais santo. Talvez fosse o mais arrojado e o mais apaixonado por Jesus, pela sua missão.

**1.3.** A resposta de Pedro é completa: *Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*! Como se Pedro dissesse: Tu não és apenas um Profeta! És a Palavra de Deus, em pessoa. Tu não és apenas um Mestre. És a Sabedoria eterna do Pai. Tu não és apenas um homem importante. *És o Filho de Deus vivo!* Tu não és sequer um «revolucionário». Tu és o Salvador do Mundo. Tu podes salvar-nos, porque és Deus, porque és Amor. Tu podes salvar-nos, porque Te fizestes um de nós…

**1.4.** Depois desta resposta, Pedro é declarado por Jesus, como um homem feliz, precisamente *por causa da sua fé*. A sua fé não é obra da sua rara inteligência, mas fruto do seu grande amor a Jesus. A sua fé não é conquista individual, mas fruto da sua vivência com Jesus e da sua convivência com o grupo dos amigos de Jesus! Vede: não se chega a fé, à própria custa. Não se chega à fé sozinho. Chega-se sempre a Jesus, pela graça de Deus, chega-se sempre à fé em Jesus, por meio dos outros, por meio do grupo, por meio da Igreja!

**2.** Foi também assim, com o Apóstolo Paulo. Ele não conheceu Jesus, do mesmo modo que Pedro. Mas, através de um encontro muito íntimo e pessoal com Jesus ele foi iluminado pela sua Luz e nunca mais quis saber de mais nada, a não ser de Jesus! Paulo irá ao encontro dos outros Apóstolos, chega mesmo a conhecer Pedro. E, sabemo-lo, Paulo chega ao conhecimento de Jesus, chega à fé em Cristo, através do testemunho dos apóstolos. Para São Paulo, Jesus não era Alguém que estivesse para trás da história, uma figura célebre do passado! Paulo foi acusado às autoridades romanas, por andar a anunciar um tal “*Cristo, que morreu, e que ele (Paulo) afirmava estar vivo*” (Act.25,19). Para São Paulo, viver é Cristo (Fl 1,21)! Jesus era não *apenas o seu presente! Era sobretudo a sua meta, o seu fim, o seu futuro*. Para Paulo, Cristo nunca ficava para trás, na sua vida; estava sempre à sua frente e Paulo corria ao seu encontro, como um verdadeiro lutador, um corredor de fundo!

**3.** Meus meninos e meninas do 6.º ano:

**3.1.** De certo modo, também vós haveis de dar hoje *uma resposta pessoal* à pergunta de Jesus! A fé é isso mesmo: a nossa resposta a este Deus que nos apela e interpela. No vosso Batismo, os vossos pais e padrinhos disseram, apoiados no testemunho dos Apóstolos e de toda a Igreja: *Sim, creio!* Agora, meus meninos, já dizei, de coração: «*sim, eu creio*»… sim, eu fio-me, «*sim, eu confio*» no testemunho dos apóstolos, da Igreja, dos meus pais, dos outros, do meu grupo… sim, eu creio em Jesus, o Filho de Deus vivo. Não creio num Jesus do passado, mas nesse Jesus, que está vivo!

**3.2.** Mas professar hoje a fé, é também prometer ser fiel, assumir a sério a nossa amizade com Cristo, a nossa comunhão com a Igreja. Ouvíamos há pouco o testamento de Paulo: “*combati o bom combate, terminei a minha corrida, permaneci fiel*” (Fl 4,7). No fim de tudo, Paulo ressalta isto mesmo: «*guardei a fé*», fui fiel; isto é, combati sem desistir; fui até ao fim! *Fidelidade sempre e até ao fim, é o grande testemunho de Paul*o.

**4.** Com as férias, à porta, este *desafio a guardar a fé, a permanecer fiel*, significa: guardar o Domingo, reservando-o em primeiro lugar, como «*dia do Senhor*», «*dia da Eucaristia», «dia da Igreja», «dia da caridade e dia da alegria»!*

Com as férias, à porta, este desafio a guardar a fé, a permanecer fiel, significa *ser fiel ao Evangelho, mesmo nos ambientes de diversão, de jogo, de convívio, de praia, de festa*.

Com as férias, à porta, o desafio a *guardar a fé, significa comprometer-se a rezar todos os dias*, a encontrar mais tempo para Deus e n’Ele para os outros!

E, ao terminardes esta etapa da Catequese da Infância, este desafio *a guardar a fé*, significa «*esquecer o que fica para trás, lançar-se para a frente e continuar a correr em direção à meta*», continuar a catequese da adolescência, continuar na Igreja, para atingirdes a felicidade maior, que é encontrar Jesus e nele o prémio de uma vida bela, uma vida nova que começa aqui e não terá fim (cf. Fl 3,13-14)!

**Homilia na Solenidade de São Pedro e São Paulo**

**Festa da Fé e Entrega do Credo**

1. Pedro e Paulo. Ambos, apóstolos de Cristo. Ambos testemunhas da Ressurreição. A ponto de um e outro, darem a Vida por Jesus, no testemunho mais ousado da fé: o do martírio. Em Roma, um e outro, mostraram que a sua paixão por Cristo era invencível. E que a sua fé era o tesouro mais rico pelo qual lutariam até à morte. Foi tal a «grandeza» deste testemunho, que sobre ele a Igreja se havia de apoiar, para se edificar e crescer. Pedro e Paulo, tornam-se «*colunas da Igreja*», que tem em Cristo a sua Pedra Angular.

2. Pedro e Paulo. Não são a cópia um do outro; aliás a maneira de ser e o percurso de vida de cada um não podiam ser mais diferentes. O feitio rude, generoso, decidido e eufórico de Pedro, pescador, nada tem a ver com a inteligência vivaz, a cultura aberta e o arrojo destemido de Paulo. Mas se a história de cada um é diferente, a paixão por Jesus é a mesma. Um e outro conheceram quanto a força de Cristo venceu a sua fragilidade e superou os seus limites. Sabemos que ambos tiveram no passado, episódios tristes, de negação e de perseguição. Portanto, se hoje os recordamos, não será certamente para exaltar o rol das suas qualidades humanas, mas para celebrar as maravilhas de Deus e exaltar o testemunho da sua fé. Que é o afinal, para Pedro e Paulo, o seu maior título de glória!

3. Para tanto, voltemos à Palavra que escutámos. Pedro é proclamado por Jesus, «*homem «feliz*». E feliz pela sua fé. Feliz porque Aquele em quem muitos não viam senão um grande profeta, ele O reconheceu como Filho de Deus. Feliz, porque Aquele em quem muitos não viam senão um *Homem de Palavra*, Pedro viu n’Ele o Messias, o Salvador do Mundo. É feliz, Pedro. Porque esta fé não lhe veio, nem do muito saber, nem do seu muito valer. Veio-lhe de «Deus». Veio-lhe do alto. É graça divina. É dom. Dom confiado a ele, porque tinha um grande amor a Jesus. Dom que não é confiado a homens *muito perfeitos* (que os não há!) *nem a homens inteligentes*, que julgam tudo saber. A fé de Pedro é a fé de um homem simples. Uma fé generosa, que vai ao ponto de deixar tudo por Jesus. Uma fé convicta, que não arreda pé do caminho, mesmo aos tombos! Uma fé firme, mesmo quando resvala na dúvida e na vergonha da traição. Também Paulo é um homem feliz. No fim da sua vida, ele dá testemunho de que «combateu o bom combate, terminou a carreira e guardou a fé».

4. A doutrina que pregaram e pela qual deram testemunho, é professada neste «Credo» que hoje vos entregamos. Seja, sem dúvida, este o tesouro da vossa alma... o qual havemos todos de guardar com enorme alegria e de transmitir com ousada coragem!

Com aquela graça e aquela força de Cristo, que está connosco para sempre e nos liberta de todos os temores! Ámen.

Homilia com Entrega do Credo a adultos

**Missa da Vigília de São Pedro e S. Paulo, apóstolos**

I. Vamos fixar a nossa reflexão partindo um pouco do relato que S. Lucas nos oferece no livro dos Atos (3,1-10), porquanto ele nos descreve uma espécie de itinerário do discípulo. Precisamos de voltar ao texto, lê-lo, meditá-lo e descobri-lo como Palavra de Deus que diz respeito à nossa Vida**.**

1. Há um homem, coxo de nascença. Alguém cuja vida está fragilizada e limitada pela sua incapacidade de se mover. É alguém incapaz de se mover por si mesmo, muito embora tenha vontade anímica de caminhar. Um homem à procura de superar o seu próprio limite.

2. Está à Porta do Templo, a instituição religiosa do velho Israel, que se manifesta incapaz de o acolher, de o libertar e até simplesmente de o olhar. Ele está à Porta. Para entrar.

3. Pedro e João iam entrar. E embora fosse o mesmo o Templo, era diferente a atitude. Pedro olhou fixamente para ele e pediu-lhe que olhasse para eles. Há uma troca de olhares. Há um acolhimento recíproco entre o «pedinte» e os Apóstolos Pedro e João.

4. Pedro deita mão à fragilidade daquele homem e sustenta-o nos seus limites. Tendo recebido de Jesus o poder de salvar, de curar e libertar, Pedro e com ele a Igreja, acolhe este Homem para lhe comunicar o dom da fortaleza e da libertação de Cristo. «Levanta-te e anda»! O entre a fragilidade daquele homem e a força de Cristo, é a Igreja Apostólica que sustenta e ampara, que introduz este Homem na comunidade.

5. A este gesto libertador, dom de Cristo Ressuscitado, o coxo de nascença corresponde. Fortalecido, ele levanta-se de um salto, põe-se de pé e começa a andar. A sua vida estava transformada. Começa uma nova existência:

\* entrou com eles no Templo: é acolhido na comunidade pelas mãos da Igreja Apostólica...\* caminhando... Não fica parado, extático diante do dom recebido...

\* saltando...dando passos em frente, de etapa em etapa...

\* louvando a Deus: redescobrindo o dom de Deus no seu caminho!

**II. O Discípulo de Jesus é chamado a percorrer este itinerário, que é também o nosso, se queremos caminhar com Cristo, na fé.**

1. Somos débeis, frágeis e incapazes de fazer este caminho, sustentados apenas pela nossa fragilidade. É preciso que o discípulo saiba que precisa de suplicar permanentemente pelo dom, pelo dom da libertação dos seus próprios limites. Nós, desde a nascença, que carregamos em nós o peso do nosso limite, a carga da nossa fragilidade.

2. Por isso nos voltamos para a Igreja. Fomos acolhidos «à porta do Templo» no dia do nosso batismo. Trazidos por outros, empurrados para dentro, pela força do olhar de benevolência da própria Igreja. Esta «troca de olhares» tem particular expressão na pergunta sobre o nosso nome. Fomos olhados com solicitude e amor.

3. E no batismo recebemos esta força libertadora de Cristo Ressuscitado. A própria unção no peito manifestou a realidade desta vida nova, liberta das amarras do pecado que nos acompanha desde a nascença. Foi a Igreja que nos comunicou o dom desta vida, a força desta presença. Fomos batizados em nome de Jesus.

4. Doravante, começou uma vida nova, um caminho inacabado. Como o coxo curado, somos neste caminho animados pela «companhia da Igreja», entramos com a Igreja no «Templo de Deus», no mistério da sua presença. A Igreja é a intermediária deste encontro, a depositária desta presença. É na Igreja, que vamos

\* entrando no Templo: fazendo a experiência do encontro;

\* caminhando, \* dando passos (saltos qualitativos)

\* louvando a Deus (celebrando estes «passos»)

**III. A Entrega do Credo, na solenidade de S. Pedro e S. Paulo**

1. Nesta Entrega do Credo, celebramos mais um passo, neste caminho de libertação iniciado no batismo. A nossa resposta nunca está dada definitivamente. Há sempre caminho a fazer...

2. Estamos uns com os outros; a Igreja faz-se «companheira» deste caminho, sustenta-nos na firmeza da fé que recebemos. Nos alicerces (fundamentos) desta fé estão os Apóstolos Pedro e Paulo, por meio dos quais foram comunicados à Igreja os primeiros ensinamentos da fé.

3. Neste dia em que recebemos o «Símbolo da Fé», peçamos a intercessão de Pedro e Paulo, para nos mantermos fiéis à doutrina apostólica, neles solidamente apoiada. Por este Símbolo estamos em comunhão com a «regra de doutrina», com a Tradição da fé que recebemos. É a fé apostólica, que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, nosso Senhor.

**Homilia a partir dos textos da Vigília de S. Pedro e S. Paulo, apóstolos**

**I. Vamos fixar a nossa reflexão partindo dos Atos** (3,1-10), porquanto ele nos descreve uma espécie de itinerário do discípulo. Precisamos de voltar ao texto, lê-lo, meditá-lo e descobri-lo como Palavra de Deus que diz respeito à nossa Vida**.**

1. Há um homem, coxo de nascença. Alguém cuja vida está fragilizada e limitada pela sua incapacidade de se mover. É alguém incapaz de se mover por si mesmo, muito embora tenha vontade anímica de caminhar. Um homem à procura de superar o seu próprio limite.

2. Está à Porta do Templo, a instituição religiosa do velho Israel, que se manifesta incapaz de o acolher, de o libertar e até simplesmente de o olhar. Ele está à Porta. Para entrar.

3. Pedro e João iam entrar. E embora fosse o mesmo o Templo, era diferente a atitude. Pedro olhou fixamente para ele e pediu-lhe que olhasse para eles. Há uma troca de olhares. Há um acolhimento recíproco entre o «pedinte» e os Apóstolos Pedro e João.

4. Pedro deita mão à fragilidade daquele homem e sustenta-o nos seus limites. Tendo recebido de Jesus o poder de salvar, de curar e libertar, Pedro e com ele a Igreja, acolhe este Homem para lhe comunicar o dom da fortaleza e da libertação de Cristo. «Levanta-te e anda»! O elo entre a fragilidade daquele homem e a força de Cristo, é a Igreja Apostólica que sustenta e ampara, que introduz este Homem na comunidade.

5. A este gesto libertador, dom de Cristo Ressuscitado, o coxo de nascença corresponde. Fortalecido, ele levanta-se de um salto, põe-se de pé e começa a andar. A sua vida estava transformada. Começa uma nova existência:

\* entrou com eles no Templo: é acolhido na comunidade pelas mãos da Igreja Apostólica...

\* caminhando... Não fica parado, extático diante do dom recebido...

\* saltando...dando passos em frente, de etapa em etapa...

\* louvando a Deus: redescobrindo o dom de Deus no seu caminho!

**II. O Discípulo de Jesus é chamado a percorrer este itinerário, que é também o nosso, se queremos caminhar com Cristo, na fé.**

1. Somos débeis, frágeis e incapazes de fazer este caminho, sustentados apenas pela nossa fragilidade. É preciso que o discípulo saiba que precisa de suplicar permanentemente pelo dom, pelo dom da libertação dos seus próprios limites. Nós, desde a nascença, que carregamos em nós o peso do nosso limite, a carga da nossa fragilidade.

2. Por isso nos voltamos para a Igreja. Fomos acolhidos «à porta do Templo» no dia do nosso batismo. Trazidos por outros, empurrados para dentro, pela força do olhar de benevolência da própria Igreja. Esta «troca de olhares» tem particular expressão na pergunta sobre o nosso nome. Fomos olhados com solicitude e amor.

3. E no batismo recebemos esta força libertadora de Cristo Ressuscitado. A própria unção no peito manifestou a realidade desta vida nova, liberta das amarras do pecado que nos acompanha desde a nascença. Foi a Igreja que nos comunicou o dom desta vida, a força desta presença. Fomos batizados em nome de Jesus.

4. Doravante, começou uma vida nova, um caminho inacabado. Como o coxo curado, somos neste caminho animados pela «companhia da Igreja», entramos com a Igreja no «Templo de Deus», no mistério da sua presença. A Igreja é a intermediária deste encontro, a depositária desta presença. É na Igreja, que vamos

\* entrando no Templo: fazendo a experiência do encontro;

\* caminhando, \* dando passos (saltos qualitativos)

\* louvando a Deus (celebrando estes «passos»)

**III. O caminho de Pedro!**

1. Pedro, pescador, rude, temperamental, precipitado, homem frágil, também ele teve de crescer na sua opção por Jesus, na sua adesão a ele, entre avanços e recuos, entregas e negações.

2. Sustentado pelo amor de Jesus, recobrou a confiança em si próprio e pôde empreender de novo o caminho de fidelidade a Jesus.

3. Que o mesmo olhar de amor que unia Pedro a Jesus e Jesus a Pedro, tenha a força de nos levantar da nossa miséria e nos pôr a caminho, na fé e na alegria em Cristo Ressuscitado.

**Homilia na Solenidade de S. Pedro e S. Paulo 1995**

*O Senhor me libertou de todos os temores (Salmo 34/33,5)*

*O Senhor esteve a meu lado (II Tim.4,17)!*

*A toda a hora bendirei o Senhor (Sal.34/33,2)!*

**1.** Eis o cântico da vitória de Pedro e Paulo. Os corações dos Apóstolos exultam de alegria e proclamam a força da graça do Senhor. Ele bendizem o Senhor, pela graça mais forte que o pecado, pela liberdade maior que a traição, pela presença firme e fiel de Cristo, apesar da negação. Pedro confessa: *«Agora sei realmente que o Senhor enviou o seu Anjo e me libertou»! (Act.12,11)* E Paulo desabafa: *«O Senhor esteve a meu lado e deu-me força*» (II Tim,4,17). Um e outro, foram tão grandes, como miseráveis. Se o primeiro conhecera a negação do Mestre, o segundo perseguira-o odiosamente. Se Pedro, de rude pescador, se convertera em «pedra» da Igreja, Paulo, de zeloso perseguidor tornara-se incansável evangelizador. Um e outro conheceram a força de Cristo que venceu a sua fragilidade e superou os seus limites; um e outro perceberam a dimensão do seu nada, que em Cristo os tornara capazes de tudo; um e outro sentiram a pobreza das suas vidas perdidas e achadas em Cristo.

Por isso, a vitória de uma libertação não é um êxito humano, mas um dom divino, não é uma conquista sua, mas obra da graça de Deus! Pedro, *«liberto das mãos de Herodes»* (Act.12,11) e Paulo*, «liberto da boca do leão»* (II Tim.4,16) proclamam a glória de Deus e celebram a vitória do Senhor que esteve a seu lado e os «*libertou de todos os temores» (Sal.34/33,5)*.

**2.** A Igreja tem nos apóstolos o seu alicerce. É sobre esta base que ela se ergue (cf. Ef 2,20*). «E as portas do Inferno não prevalecerão contra ela»* (Mt.16,18). Pois, se o Apóstolo, como *sábio arquiteto,* coloca o alicerce, é todavia Cristo que levanta este edifício (I Cor. 3,10)! *Em Cristo*, dirá S. Paulo, *todo o edifício cresce bem ajustado para formar um templo santo do Senhor!* (Ef 2,21).

Por outras palavras, a solidez da Igreja vem-lhe dos seus fundamentos. A firmeza deste *«edifício espiritual»* (1 Pe 2,5) não lhe vem *nem da vontade da carne, nem do sangue*, mas por ser «construção» alicerçada no testemunho admirável destas vidas sacrificadas, de entregas desmedidas.

A Igreja prevalece sobre todos os males não em razão de nenhuma ciência humana hábil que tenha à mão, mas porque se ancora em Cristo, Pedra angular. NEle assenta, como *«casa edificada sobre a rocha» (Mt.7,24).* Nos alicerces da Igreja não está a areia movediça de nenhuma piedosa intenção, mas estão vidas em libação, vidas dAqueles que escolheram Cristo rejeitado como Pedra angular.

*«Estes são os apóstolos que durante a sua vida na terra, plantaram a Igreja com o seu Sangue. Beberam o cálice do Senhor e tornaram-se amigos de Deus» (Ant. de Entrada da Missa do Dia da Solenidade dos Ap. Pedro e Paulo).*

**Homilia na Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo 1999**

«*Eu já estou oferecido em libação e o tempo da minha partida está iminente. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé*» (II Tim.4,6-8).

Da prisão de Roma, enquanto se prepara para o martírio, Paulo dirige a última mensagem ao seu discípulo Timóteo. É o testamento do Apóstolo, no crepúsculo da vida. Prestes a morrer, não solta lamentos de vítima. É um cântico de vitória que entoa. A sua missão está concluída. Já apresentou ao Senhor a sua oferta, regada com os seus *suores, sangue e lágrimas*. É agora a hora do seu encontro com Cristo Ressuscitado.

Escolho sobretudo este texto, para reflexão, neste dia dos nossos velhos «*pais na fé»:* Pedro e Paulo. Vale a pena, neste Ano Internacional do Idoso, confrontar a nossa arte de envelhecer com o exemplo sábio e antigo dos nossos maiores. Saber envelhecer é a obra-prima da sabedoria e uma das partes mais difíceis da grande arte de viver!

Pedro e Paulo. Em ambos, um passado de misérias. Uma vida presente inteiramente renovada. E um futuro cheio de esperança. Os dois, com razões de sobra para se envergonharem do passado, cantam vitória, graças Àquele que os libertou de todos os temores.

Sem nenhum ressentimento amargo do passado, aceitam as suas fraquezas. Pedro e Paulo dão graças a Deus, ao perceberem que o Senhor se aproveitou e valeu deles, como que «enfiando-se» pela brecha das suas fragilidades.

E, por isso, naquilo de que se poderiam envergonhar, «as colunas da Igreja» encontram a sua glória (cf. II Cor,.12,5). Paulo dirá mesmo: «quando sou fraco então é que sou forte; pela graça de Deus sou aquilo que sou» (II Cor.12,10;)... É esta humildade que torna o fim da vida um sereno hino de louvor ao Senhor e uma confiante entrega nas mãos do Pai. O que permite, com toda a ousadia, a Paulo dizer: «E agora já me está preparada a coroa da justiça que o Senhor, justo juiz, me há-de dar naquele dia» (II Tim,4,8).

É claro que uma pessoa convencida da sua fraqueza e da sua nulidade - sobretudo quando experimenta o peso dos anos - não é ainda um coração humilde. É necessário juntar-lhe o sofrimento e considerá-lo sem revolta, na sua simplicidade. «*Eu já estou a ser oferecido em libação*» (II Tim,4,6), diz o apóstolo, que escreve esta e outras cartas em lágrimas. Então, quando o sofrimento começa a fazer sobre ele a sua obra, que é a de penetrar a alma e desde aí espalhar a unção de Deus, o coração acalma-se, baixa-se, dobra-se, e acaba por se fundir. O orgulho é vencido. E é assim que Deus penetra na sua vida - como disse - pela brecha das suas fragilidades.

Também, no anúncio do martírio de Pedro, Jesus lembra: «*quando eras mais novo, tu mesmo atavas o cinto e ias para onde querias; mas quando fores velho, estenderás as mãos e outro te há-de atar o cinto e lavar para onde não queres... E disse isto para indicar o género de morte com que ele havia de dar glória a Deus*» (Jo.21,18). Como se, estirado no chão e sem o vigor da idade, Pedro, mártir, glorificasse mais a Deus, com a sua velhice impotente, do que com a sua juventude rebelde.

"Há, pois, um momento na velhice em que é necessário escolher não saber mais, não fazer mais, não acolher mais, até ao dia onde será necessário aceitar ser um corpo estendido, depois de ter sido ele próprio eternamente mudado. Desfrutar-se-á então a suprema Sabedoria" (Jean Guitton).

A arte de bem envelheceré o trabalho de toda uma vida. É permanecer ativo e altruísta, durante o máximo de tempo possível. Depois, quando as forças faltarem e a memória der sinais de fraqueza, então envelhecer é desprender-se, adquirir finalmente a sabedoria, explorar o seu mundo interior, sem esquecer de o partilhar com o outro. Para o crente, é o convite ao desprendimento, que conduz a aceitar a morte, como um abandono supremo e não um fim: um começo. Envelhecer e morrer, será então começar a nascer.

**Homilia na Solenidade de São Pedro e São Paulo, Apóstolos 2003**

**1.** «*Quem é este homem, que até o vento e o mar lhe obedecem*»?! (Mc.4,41) Diziam assim os discípulos uns para os outros, como se a Pessoa de Jesus, fosse ainda para eles, um enorme ***ponto de exclamação*** (Mc.4,41). Mas é, como se percebia do evangelho do passado domingo, uma exclamação em forma de pergunta, de dúvida, de desconcerto, de inquietação. E Jesus, percebendo-lhes, no caminho da fé, algumas confusões, entusiasmos leves e imaginadas ilusões, a seu respeito, faz «*o ponto da situação*». Pondo-lhes um difícil «***ponto de interrogação***»: «*E vós quem dizeis que Eu sou*» (Mt.16,15; cf.Mc.8,29)?

**2.** É uma pergunta direta e decisiva, pois ter fé e acreditar não pode ser simplesmente gostar de Jesus ou admirar a sua pessoa, como se Ele fosse apenas mais um sábio mestre, ou um grande profeta, ou um líder excecional. Acreditar é seguir Jesus. É segui-Lo, no mistério completo da sua Pessoa, no projeto concreto e global da sua obra, do seu evangelho e da sua vida. Ter fé não é aqui uma mera questão de opinião, de sentimento fácil ou de palavras vãs. É seguir a Pessoa de Jesus, pelo *Caminho* que Ele mesmo percorre e nos traça, pela *Verdade* que Ele próprio é e nos revela, para encontrar n’Ele a plenitude da *Vida* de Deus.

**3.** Por isso, a resposta de Pedro é feliz e completa: «*Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*» (Mt.16,16). Mas é uma resposta que Pedro não aprendeu do catecismo, nem elaborou na sua iluminada inteligência. É uma resposta que não brota *da carne, nem do sangue*, do muito saber ou aprender, mas que é fruto da graça de Deus. Acreditar é um dom do Alto, algo que só mesmo um coração humilde pode acolher e receber, na medida em que abrir e entregar o seu coração à relação com Deus, na medida em que souber pôr e dispor a vida, nas mãos do Senhor. Pedro, rude pescador, não era, de facto um grande «*cérebro*», mas tornou-se a “cabeça” do grupo, porque entre os Doze, ganhava *aos pontos*, a qualquer outro, na sua loucura e paixão por Jesus. Ele próprio confessará diante do Ressuscitado: «*Tu sabes tudo. Senhor. Bem sabes que te amo*»! (Jo.21,17).

**4.** O testemunho de **Paulo**, Apóstolo das Gentes, pese embora as diferenças de carácter e de cultura, vai no mesmo sentido. «*Sei em quem acreditei*»… «*para mim, viver é Cristo*» (cf. Gal.3,20), dirá, depois de uma conversão séria e decidida por Jesus e pelo seu Evangelho, que ele anunciará, doravante, sem tréguas, e com desassombro, a todos os pagãos. Também ele sente, na fraqueza da sua carne, que tudo é dom de Deus. Que é afinal quem é, «*pela graça de Deus*» (II Cor.12,10), que nele trabalhou mais do que nos outros.

**5.** «***E vós quem dizeis que Eu sou***»? É a pergunta que se repete, hoje e a nós. Mas agora o «*ponto de interrogação*» acerca de Jesus, não se escreve já sobre uma folha branca, como se nada se tivesse dito ou escrito, como se nada soubéssemos, de certo e de concreto, sobre a Pessoa de Jesus. Ao contrário, o nosso ponto de interrogação sobre Jesus encontra fundamento e resposta no diário vivo da Igreja, com páginas inteiras escritas a vermelho, com suor, sangue e lágrimas, as de Pedro e de Paulo, as dos Apóstolos e dos mártires. A nossa fé não é uma ilusão religiosa ou uma ideia generosa. Ela assenta num testemunho vital e credível, dado pelos Apóstolos e por eles transmitido, até chegar, de geração em geração, pela Igreja, à vida de cada um de nós. Neste sentido dizemos que a nossa fé é «*apostólica*». A fé que hoje, em comum professamos, ao rezar o Credo, é afinal a fé da Igreja construída sobre o “*alicerce dos Apóstolos*” (*Ef* 2, 20). E «quem diz “Creio”, diz «dou a minha adesão àquilo em que nós cremos» (Cat.Ig. Cat. nº 185).

**Irmãos e irmãs**:

6. Num tempo em que em que nos foi dado ver ruir tantos projetos, que se construíam sem Deus ou contra Ele; num tempo em que assistimos ao desmoronar de ideias e de ideais; num tempo quase sem memória e sem ideal, em que tudo é tão frágil e efémero; num tempo em que os poderosos gigantes deste mundo mostram ter pés de barro e telhados de vidro; num tempo manchado pela dúvida, é uma graça poder assentar a nossa fé, em sólidos fundamentos, em **colunas tão seguras, como Pedro e Paulo,** e entrar por portas tão estreitas e ao mesmo tempo tão altas. Graças a Deus.

**Homilia na Solenidade de São Pedro e São Paulo 2005**

Esta é a primeira festa de São Pedro, sob o governo pastoral do seu novo sucessor, o Papa Bento XVI. Tomando as suas próprias palavras, queria simplesmente procurar comentar um dos sinais com que o assumir deste Ministério de Pedro é liturgicamente representada. Além do anel do pescador, há o sinal do Pálio. É sobre este último que iremos refletir, no dia em que o próprio Papa entregou, durante a celebração eucarística, o pálio a 33 Arcebispos metropolitanos nomeados no último ano.

**1. O Jugo suave**

O primeiro sinal é o Pálio, tecido de pura lã, que foi posto aos ombros do Papa. Este sinal antiquíssimo, que os Bispos de Roma levam desde o século IV, pode ser considerado como uma imagem do jugo de Cristo, que o Bispo desta cidade de Roma, o servo dos servos de Deus, toma sobre os seus ombros. Para além do próprio Papa, os Pálios são também envergados pelos Arcebispos Metropolitanos nas suas Igrejas e nas da sua Província eclesiástica, como precisamente hoje aconteceu.

Os prelados recebem, assim, uma faixa de lã branca, que representa o Bom Pastor, que transporta nos ombros o cordeiro até dar a sua própria vida, como recordam as seis cruzes negras bordadas na tira. O distintivo é colocado sobre os ombros, deixando uma das faixas pendente sobre o peito e a outra sobre as costas. A lã utilizada no fabrico dos pálios provém dos cordeiros criados pelos monges trapistas da comunidade das Três Fontes, situada nos arredores de Roma. Depois da bênção pontifícia, que acontece no Dia de Santa Inês, a 21 de Janeiro, os animais são criados pelas religiosas beneditinas da comunidade romana de Santa Cecília. Na Terça-feira da Semana Santa os cordeiros são tosquiados e a lã, preparada pelas religiosas, é utilizada para a confeção do pálio. Este simboliza a autoridade e manifesta uma particular união com o Bispo de Roma, como recordou o Papa no Angelus. O Pálio é uma insígnia litúrgica de “honra e jurisdição” que é abençoada pelos Papas nesta solenidade. Para além do próprio Papa, os Pálios são também envergados pelos Arcebispos Metropolitanos nas suas Igrejas e nas da sua Província eclesiástica.

**2. Levar aos ombros a ovelha perdida**

Na realidade, o simbolismo do Pálio é ainda mais concreto: a lã de cordeiro pretende representar a ovelha perdida ou também a ovelha doente e a ovelha débil, as quais o pastor põe aos seus ombros e conduz às águas da vida. A parábola da ovelha tresmalhada, que o pastor procura no deserto era, para os Padres da Igreja, uma imagem do mistério de Cristo e da Igreja. A humanidade – todos nós – é a ovelha tresmalhada que, no deserto, já não encontra o caminho. O Filho de Deus não tolera isto; Ele não pode abandonar a humanidade numa tal miserável condição. Ele Levanta-se, abandona a glória do Céu, para reencontrar a ovelha e segui-la até à Cruz. Põe-na aos ombros, leva a nossa humanidade, leva-nos a nós mesmos – Ele é o Bom Pastor que oferece a sua vida pelas ovelhas. Antes de mais, o Pálio diz que todos nós somos levados por Cristo, mas, ao mesmo tempo, convida-nos a levar-nos uns aos outros. Assim, o Pálio torna-se o símbolo da missão do Pastor.

**3. Tirar do deserto**

A santa inquietação de Cristo deve animar o Pastor: para ele, não é indiferente o facto de tantas pessoas viverem no deserto.

E há tantas formas de deserto. Há o deserto da pobreza, o deserto da fome e da sede, há o deserto do abandono, da solidão, do amor destruído. Há o deserto da obscuridade de Deus, do esvaziamento das almas já sem consciência da dignidade e do caminho do homem. Os desertos exteriores multiplicam-se no mundo, porque os desertos interiores se tornaram assim tão amplos. Por isso, os tesouros da terra já não estão ao serviço da edificação do jardim de Deus, no qual todos podem viver, mas estão ao serviço dos poderes da exploração e da destruição.

A Igreja, no seu conjunto, e os Pastores nela devem pôr-se a caminho, tal como Cristo, para conduzir os homens para fora do deserto, para o lugar da vida, para a amizade com o Filho de Deus, para Aquele que nos dá a vida, a vida em plenitude.

**4.** O **símbolo do cordeiro** tem ainda um outro aspeto.

No Antigo Oriente, era costume os reis designarem-se a si mesmos como pastores do seu povo. Esta era uma imagem do seu poder, uma imagem cínica: os povos eram para eles, como ovelhas, das quais o pastor podia dispor a seu bel prazer. Enquanto que o Pastor de todos os homens, o Deus vivo, Se tornou, Ele mesmo, Cordeiro, pôs-se do lado dos cordeiros, daqueles que são espezinhados e mortos. É justamente assim que Ele Se revela como o verdadeiro Pastor: «Eu sou o Bom Pastor… Dou a minha vida pelas minhas ovelhas», diz Jesus de Si mesmo (Jo 10, 14 ss.).

**4.1. Não o poder, mas a paciência do amor**

Não é o poder que redime, mas o amor. Este é o sinal de Deus: Ele mesmo é amor. Quantas vezes desejávamos que Deus Se mostrasse mais forte. Que Ele atingisse duramente, derrotasse o mal e criasse um mundo melhor.

Todas as ideologias do poder justificam-se assim, justificam a destruição daquilo que se oporia ao progresso e à libertação da humanidade. Nós sofremos pela paciência de Deus. E, todavia, todos temos necessidade da sua paciência. O Deus que Se tornou Cordeiro, diz-nos que o mundo se salva pelo Crucificado e não pelos crucificadores. O mundo é redimido pela paciência de Deus, é destruído pela impaciência dos homens.

Uma das características fundamentais do pastor dever ser a de amar os homens que lhe foram confiados, tal como ama Cristo, a cujo serviço se encontra. “Apascenta as minhas ovelhas”, diz Cristo a Pedro e a mim neste momento.

Apascentar quer dizer amar, e *amar* quer dizer também estar *dispostos a sofrer*. Amar significa: dar às ovelhas o verdadeiro bem, o alimento da verdade de Deus, da Palavra de Deus, o alimento da sua presença, que Ele nos dá no Santíssimo Sacramento.

**5**. **O chamamento à unidade**

Da imagem do pastor (e da do anel do pescador!), emerge, de modo muito explícito, o chamamento à unidade. “Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste redil; também estas Eu preciso de as trazer e hão-de ouvir a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10, 16) - diz Jesus no final do discurso do Bom Pastor.

Por isso, quis o Papa Bento XVI que “a festa dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo fosse uma grata memória das grandes testemunhas de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, um solene confissão em favor da Igreja *una, santa, católica e apostólica*. Seja acima de tudo a festa da *catolicidade*”, disse o Papa.

O ministério do Bispo de Roma “*reúne visivelmente a Igreja de todos os lugares e de todos os tempos, defendendo cada um de nós contra as derrapagens rumo a uma falsa autonomia, que se transformam facilmente em particularismos e podem comprometer a independência interna da Igreja*”.

Como Bispo de Roma, sucessor de Pedro, o Papa desenvolve um serviço único e indispensável à Igreja universal: *é o visível e perpétuo princípio e fundamento da unidade dos Bispos e de todos os fiéis*!

**6. Rezai pelo Papa**

Caros amigos, neste momento, eu só posso dizer: rezai pelo Santo Padre, para que ele aprenda cada vez mais a amar o Senhor. Rezai por ele, para que aprenda a amar cada vez mais o seu rebanho – nós, a Santa Igreja, cada um de nós, individualmente e todos nós em conjunto. Rezai por ele, para que não fuja por medo perante os lobos. Rezai pela unidade da Igreja.

E rezemos uns pelos outros, para que o Senhor nos leve e nós aprendamos a levar-nos uns aos outros.

**HOMILIA NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS SÃO PEDRO E SÃO PAULO 2010**

**1.** Os dois Santos padroeiros de Roma, mesmo tendo recebido de Deus carismas e missões diferentes, são ambos fundamentos da Igreja una, santa, católica e apostólica, permanentemente aperta à dinâmica missionária e ecuménica”. Simão Pedro é tão próximo ao Senhor que ele mesmo se torna uma rocha de fé e de amor sobre a qual Jesus edificou a sua Igreja, como ouvimos no evangelho. O Apóstolo Paulo difundiu o Evangelho com a Graça divina, semeando a Palavra de verdade e de salvação no meio dos povos pagãos.

**2.** Se o evangelho nos fala de perseguições, as outras leituras falam-nos bastante da liberdade Pedro é liberto da prisão, na primeira leitura. Paulo diz que o Senhor o libertou da boca do leão e o libertará de todo o mal. No evangelho, Jesus fala das perseguições à Igreja e promete que as forças do mal não prevalecerão contra ela. A este respeito, Bento XVI defendeu hoje que o maior perigo para a Igreja não vem das “*perseguições”*, mas da contaminação da fé e da vida cristã. “O dano maior é sofrido pela Igreja por tudo quanto contamina a fé e a vida cristã dos seus membros e das suas comunidades, ferindo a integridade do Corpo místico, enfraquecendo a sua capacidade de profecia e de testemunho e ofuscando a beleza do seu rosto”, disse o Papa na homilia da celebração a que presidiu na Basílica de São Pedro.

Aludindo por diversas vezes ao tema da “*liberdade da Igreja”,* Bento XVI descreveu “*provações*” dos cristãos, que “*nalguns períodos e lugares assumiram o carácter de verdadeiras perseguições*”.

Todavia, assinalou, “*as perseguições não constituem o perigo mais grave para a Igreja*”, admitindo que há “*males espirituais e morais que podem ferir a sua autenticidade e credibilidade*”. “*Deus está próximo dos seus fiéis servidores e liberta-os de todo o mal, liberta a Igreja das forças negativas*”.

Aliás, já na viagem de avião, quando se dirigia para a Visita Apostólica a Portugal, o Papa dizia: “*a maior perseguição da Igreja não vem de inimigos externos, mas nasce do pecado na Igreja, e que a Igreja, portanto, tem uma profunda necessidade de reaprender a penitência, de aceitar a purificação, de aprender por um lado o perdão, mas também a necessidade de justiça. O perdão não substitui a justiça*».

**3.** Bento XVI anunciou ontem a criação de um novo «*ministério*» da Cúria Romana, o **Conselho Pontifício para a Nova Evangelização**, com o objetivo de combater um “*eclipse do sentido de Deus*” que está a atingir a sociedade, em particular no mundo ocidental. “*Este novo organismo tem como tarefa principal promover a renovada evangelização nos Países onde já ressoou o primeiro anúncio da fé e estão presentes Igrejas de antiga fundação, mas que estão a viver uma progressiva secularização da sociedade e uma espécie de eclipse do sentido de Deus*”, como é o caso de Portugal e da Europa em geral. O objectivo deste Conselho Pontifício será o de “*encontrar meios adequados para repropor a verdade perene do Evangelho de Cristo*”. De facto, há muitas regiões do mundo, entre as quais Portugal, onde “o Evangelho lançou raízes há muito tempo, dando lugar a uma tradição cristã, mas onde nos últimos séculos - com dinâmicas complexas – o processo de secularização produziu uma grave crise do sentido da fé cristã e da pertença à Igreja”. “Também nos desertos do mundo secularizado, a alma do homem tem sede de Deus, do Deus vivo. Também o homem do terceiro milénio deseja uma vida autêntica e plena, precisa de verdade, de liberdade profunda, de amor gratuito”.

**4.** De facto, durante muito tempo pensámos a evangelização em dois quadros quase fixos: o dos territórios considerados cristãos, com as suas Dioceses «implantadas» e de quando em quando animadas por missões populares, realizadas por clero secular ou religioso; e o das missões «ad gentes», dirigidas a territórios «ultramarinos» de primeira evangelização, protagonizadas por congregações especialmente orientadas para esse fim”, recorda. Foi sobretudo o Papa João Paulo II quem insistiu no facto de se ter aberto um **terceiro quadro**, o dos territórios de antiga evangelização onde se perdeu entretanto a vivência cristã e a vivacidade da fé, requerendo estes uma nova incidência evangelizadora, nova no ardor, nos métodos e nas expressões”. A exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003) afirma que “a Europa é actualmente um espaço para a missão «ad gentes». Isso mesmo o diz a recente carta pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a missão (n.2): “(…) Portugal «faz parte daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além de uma nova evangelização, se requer, em determinados casos, a primeira evangelização», dado que, «mesmo no *velho* continente, existem extensas áreas sociais e culturais, onde se torna necessária uma verdadeira e própria “missão *ad gentes*”». Esta declaração formal qualificando também a Europa como espaço da «missão *ad gentes*» faz evoluir o antigo quadro de *terras cristãs* e *terras de missão* para uma nova inter‑eclesialidade missionária, onde todos somos chamados a viver e a transmitir, com ardor sempre original, os dinamismos que o encontro com o Ressuscitado e Senhor da História em nós desperta”. E nesse sentido, também nos disse o Papa no Porto, que a Missão não se baseia em ideias nem em territórios (não parte de territórios nem se dirige a territórios), mas «parte do coração» e dirige-se ao coração, uma vez que são «os corações os verdadeiros destinatários da atividade missionária do Povo de Deus». Neste contexto novo, alargam-se os horizontes da missão *ad gentes* a todas as latitudes, mas é forçoso reconhecer também que é necessário lançar mão de novos métodos.**5.** O exemplo dos Apóstolos Pedro e Paulo, ilumine as mentes e acenda no coração dos crentes o desejo santo de cumprir a vontade de Deus, a fim de que a Igreja, peregrina sobre a Terra, seja sempre fiel ao seu Senhor!

**Homilia na Solenidade de São Pedro e São Paulo 2011**

Os textos bíblicos desta Liturgia eucarística da solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, na sua grande riqueza, põem em evidência um tema que se poderia resumir assim: Deus está próximo dos seus fiéis servos e liberta-os de qualquer mal, e liberta a Igreja dos poderes negativos. Trata-se do tema da liberdade da Igreja, que apresenta um aspeto histórico e outro mais profundamente espiritual.

1. Esta temática atravessa toda a liturgia da palavra de hoje. A primeira e a segunda Leituras falam, respetivamente, dos Santos Pedro e Paulo ressaltando precisamente a ação libertadora de Deus em relação a eles. Sobretudo o texto dos *Atos dos Apóstolos* descreve com abundância de pormenores a intervenção do anjo do Senhor, que liberta Pedro das correntes e o conduz para fora da prisão de Jerusalém, onde o rei Herodes o tinha feito encarcerar, sob estrita vigilância (cf. *Act* 12, 1-11). Paulo, ao contrário, escrevendo a Timóteo, quando já sentia próximo o fim da vida terrena, faz um balanço do qual sobressai que o Senhor lhe tinha estado sempre próximo, o libertou de tantos perigos e ainda o libertará introduzindo-o no seu Reino eterno (cf. *2 Tm* 4, 6-8.17-18). O tema é reforçado pelo Salmo responsorial (cf. *Sl* 33), e encontra um particular desenvolvimento também no trecho evangélico da confissão de Pedro, onde Cristo promete que os poderes do inferno não prevalecerão sobre a sua Igreja (cf. *Mt* 16, 18).

Vendo bem observa-se, em relação a esta temática, uma certa progressão.

1. Na primeira Leitura é narrado um episódio específico que mostra a intervenção do Senhor para libertar Pedro da prisão;
2. Na segunda leitura, Paulo, com base na sua extraordinária experiência apostólica, está convencido de que o Senhor, que já o libertou "da boca do leão", o libertará "de qualquer mal" abrindo-lhe as portas do Céu;
3. No Evangelho, ao contrário, já não se fala dos Apóstolos individualmente, mas da Igreja no seu conjunto e da sua segurança em relação às forças do mal, entendidas no sentido amplo e profundo.

Deste modo vemos que a promessa de Jesus – "os poderes do inferno não prevalecerão" sobre a Igreja – abrange as experiências históricas de perseguição de que foram vítimas Pedro e Paulo e as outras testemunhas do Evangelho, mas vai além, querendo garantir a proteção sobretudo contra as ameaças de tipo espiritual; segundo quanto escreve o próprio Paulo na *Carta aos Efésios:* "Nós não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os Principados, Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares" *(Ef* 6, 12).

2. De facto, se pensarmos nos dois milénios de história da Igreja, podemos observar que – como tinha prenunciado o Senhor Jesus (cf. *Mt* 10, 16-33) – nunca faltaram para os cristãos as provas, que nalguns períodos e lugares assumiram carácter de verdadeiras perseguições.

Mas elas, apesar dos sofrimentos que provocam, não constituem o perigo mais grave para a Igreja. O dano maior, de facto, é-lhe causado por aquilo que polui a fé e a vida cristã dos seus membros e das suas comunidades, corrompendo a integridade do Corpo místico, enfraquecendo a sua capacidade de profecia e de testemunho, ofuscando a beleza do seu rosto.

3. Gostaria de tirar uma última indicação da Palavra de Deus, sobretudo da promessa de Cristo que o poder do inferno não prevalecerá sobre a sua Igreja. Na luta contra o espírito do mal, Deus doou-nos em Jesus o "Advogado" defensor e, depois da sua Páscoa, outro Paráclito" (cf. *Jo* 14, 16), o Espírito Santo, que permanece connosco para sempre e conduz a Igreja para a plenitude da verdade (cf. *Jo* 14, 16; 16, 13), que é também plenitude da caridade e da unidade.

4. Os Santos Apóstolos Pedro e Paulo vos obtenham que ameis cada vez mais a santa Igreja, Corpo místico de Cristo Senhor e mensageira de unidade e de paz para todos os homens. Vos obtenham também que ofereçais com alegria para a sua santidade e missão as fadigas e os sofrimentos suportados pela fidelidade ao Evangelho.. Que, com a sua ajuda celeste, possais viver e agir sempre naquela liberdade, que Cristo nos obteve. Amém.

(cf. Homilia do Papa Bento XVI, nesta Solenidade, em 2010)

**HOMILIA NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO 2014**

**1.** Eis-nos, no último domingo de Junho, com São Pedro e São Paulo, a encerrar o mês dos Santos Populares! No final de mais um ano pastoral, e na ressaca do mundial, também nós somos sujeitos a uma avaliação, chamados a exame, com duas perguntas muito simples: a primeira, de consulta livre, e a segunda, de desenvolvimento pessoal.

1.1. A primeira pergunta de Jesus é esta: «***quem dizem os homens que Eu sou***»? Quando se trata de dizer o que outros pensam de Jesus, não falta material à mão; é muito fácil responder! Podemos consultar a Bíblia, ler o catecismo, recolher uma resposta, em tantos livros, de autores cristãos, ou fazer uma busca na internet! E sempre encontraremos alguma resposta satisfatória!

1.2. A segunda é uma pergunta muito mais difícil, cuja resposta não dá sequer para copiar, pelo colega do lado. Jesus pede uma resposta pessoal: «**E vós quem dizeis que Eu sou**»? É como se Jesus te perguntasse: «*Quem sou Eu para Ti*»?

**2.** Jesus pede-te a ti, pede-me a mim, pede-nos a todos, uma resposta pessoal. A fé é exatamente a nossa resposta pessoal à Palavra de Deus. E como poderemos dar esta resposta da fé? Aprendamo-lo de Pedro:

**2.1.** Pedro respondeu bem. Não porque estudou mais ou fosse mais inteligente. Pedro respondeu bem, porque conheceu e descobriu Jesus, na amizade com Ele. Vede esta primeira coisa simples: para responder bem à pergunta de Jesus, «*quem dizeis vós que Eu sou*», é preciso andar com Jesus, é preciso escutar Jesus, é preciso caminhar com Ele, viver na amizade com Ele. A amizade com Cristo é a nossa verdadeira fonte de conhecimento da Sua pessoa e mistério!

**2.2.** Mas há uma segunda coisa a registar: Na resposta de Pedro, de algum modo, ecoa e ressoa a voz de todos e de cada um dos Doze. A resposta de Pedro nasce desse percurso de vida e de fé, feito em grupo, no seio e no meio daquela primeira comunidade dos discípulos de Jesus. Assim vemos que a fé é uma resposta pessoal, mas só é possível dá-la, na medida em que vivemos e crescemos em grupo, em comunidade, em Igreja. Como nos disse o Papa, na audiência da passada quarta-feira, o caminho da fé vive-se “*não apenas graças a outras pessoas, mas unidos a outras pessoas*”. A Igreja é “*uma grande família*”, em que ninguém vive a sua fé, “*a título individual*” ou por “*conta própria*”. Quando afirmo que “sou cristão”, estou a dizer: “pertenço à Igreja”. “*Está claro, isto?*” perguntava o Papa! Na verdade, ninguém é cristão só por si! Não se fazem cristãos em laboratório! Por vezes, ouve-se dizer: «*Eu creio em Deus, creio em Jesus, mas a Igreja não me interessa»*. Estas pessoas julgam que podem ter uma relação pessoal, direta, imediata com Jesus Cristo, fora da comunhão e da mediação da Igreja. São tentações perigosas e nocivas. Só podemos ser bons cristãos, unidos a todos aqueles que procuram seguir Jesus, formando um só Povo, um único Corpo!

**3.** Todavia, - sejamos honestos - caríssimos irmãos e irmãs [queridos meninos da profissão de fé]: não nos é muito difícil «*professar aqui a nossa fé*», com o apoio e o aplauso de tantos! É bem mais difícil «*professar a fé*», com a nossa vida: lá fora, na escola, ou no trabalho, no grupo de amigos, nos ambientes da nossa vida! Porque apesar de todos vibrarem, em festa, com os «*santos populares*», sabemos bem que, na nossa sociedade, não é nada popular ser santo, ser cristão! Declarar-se cristão é sujeitar-se ao ridículo, ao desdém, ao desprezo do mundo.

**4.** Há dois mil anos, Pedro e Paulo, apóstolos, tiveram de dar a vida, em Roma, para professar a sua fé em Cristo! E ainda hoje, na Síria, e em alguns países dominados por radicalismos religiosos ou políticos, são tantos os que põe em perigo a vida, e chegam a ser torturados e mortos, simplesmente para ir à Missa ou por se dizerem cristãos! Sabeis que “*há lugares, nos quais é proibido ter uma Bíblia ou ensinar o catecismo ou andar com uma cruz. A perseguição contra os cristãos é hoje mais forte, do que nos primeiros séculos da Igreja. Hoje há mais cristãos mártires do que naquele tempo. E não é fantasia, são os números*” (Papa Francisco). E nós, que temos a liberdade de professar a fé, quantas vezes, nos damos ao luxo de viver a fé, como se fosse um «luxo» de fim-de-semana, que se troca facilmente por outros luxos, em tempo de férias?!

**5.** Irmãos e Irmãs: Mostrai aos outros que Jesus é “*Tudo em tudo*”; é o vosso Deus, é o Vosso amigo por excelência, é a vossa alegria c0mpleta, é o vosso verdadeiro libertador, é a vossa companhia mais segura! Dizei, corajosamente, com palavras, com ações, com as vossas opções e atitudes de vida, quem é Cristo para vós!

[*Na profissão de fé*:] Queridos meninos e meninas: Mostrai aos outros, mostrai aos vossos amigos, mostrai aos rapazes e raparigas da vossa idade, que não sois amigos “*virtuais*” de Jesus, que não sois amigos de Jesus, tipo “*facebook*”; mostrai que não sois amigos de Jesus, *da boca para fora*, mas que Jesus é “*Tudo em tudo*”; é o vosso Deus, é o Vosso amigo por excelência, é a vossa alegria c0mpleta, é *o vosso verdadeiro libertador, é a vossa companhia mais segura!*

**HOMILIA NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO 2018**

A liturgia de hoje oferece-nos três palavras que são essenciais para a vida cristã e caraterizam a santidade cristã no mundo atual: a ***confissão ou profissão de fé*, a *perseguição* e a *oração***.

**1. Professar a fé: a santidade, como *parresia***

A *confissão ou profissão de fé* é a que ouvimos dos lábios de Pedro no Evangelho, quando a pergunta do Senhor, de geral, passa a particular. «E *vós*, quem dizeis que Eu sou?» (Mt 16, 15). Agora responde apenas Pedro: «Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo» (Mt 16, 16). Hoje Ele fixa-nos nos olhos e pergunta-te diretamente: «**Quem sou Eu *para ti*?**» Como se dissesse: «Sou ainda Eu o Senhor da tua vida, a direção do teu coração, a razão da tua esperança, a tua confiança inabalável?» Quem confessa Jesus, faz como Pedro e Paulo: segue-O até ao fim; não até um certo ponto, mas até ao fim, e segue-O pelo seu caminho.

Pedro e Paulo testemunham “*a graça de não hesitar quando o Espírito nos exige que demos um passo em frente; a coragem apostólica de comunicar o Evangelho aos outros e de renunciar a fazer da vida um museu de recordações*” (GE 139). Neste sentido, “*a santidade é parresia: é ousadia, entusiasmo, falar com liberdade, ardor apostólico, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo*” (GE 129).

2. A segunda palavra: ***perseguições*: a santidade como suportação, mansidão e paciência**

Não foram só Pedro e Paulo que deram o sangue por Cristo, mas, nos primeiros tempos, toda a comunidade foi perseguida (cf. At 12, 1). Também hoje, em várias partes do mundo, muitos cristãos são marginalizados, caluniados, discriminados, vítimas de violências mesmo mortais. “Outras vezes, trata-se de zombarias que tentam desfigurar a nossa fé e fazer-nos passar por pessoas ridículas” (GE 94).

Suportar o mal não é só ter paciência e prosseguir com resignação; suportar é imitar Jesus: é carregar o peso, levá-lo aos ombros por amor d’Ele e dos outros. Suportar é saber vencer com Jesus e à maneira de Jesus, não à maneira do mundo. É por isso que Paulo se considera um vencedor que está prestes a receber a coroa (cf. *2 Tim* 4, 8), escrevendo: «Combati o bom combate, terminei a corrida, conservei a fé» (4, 7). Paulo afirma: «estou pronto para me oferecer como sacrifício» (*2 Tim* 4, 6). Para ele, viver era Cristo (cf. *Flp* 1, 21), e Cristo crucificado (cf. *1 Cor* 2, 2), que deu a vida por ele (cf. *Gal* 2, 20). E assim Paulo, como discípulo fiel, seguiu o Mestre, oferecendo também ele a vida. Sem a cruz, não há Cristo; mas, sem a cruz, não há sequer o cristão.

*Suportação, paciência e mansidão* são três caraterísticas indissociáveis da santidade cristã, no mundo atual (cf. GE 112-121). **“***Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade*” (GE 94).

3. A terceira **palavra é *oração*: uma das marcas da santidade é a vida em oração constante**

«Enquanto Pedro estava encerrado na prisão, a Igreja orava a Deus, instantemente, por ele» (*At* 12, 5). Uma Igreja que ora, é guardada pelo Senhor e caminha na companhia d’Ele. A vida do apóstolo, que brota da confissão e desagua na oferta, flui dia-a-dia na oração. Com efeito, o Espírito de vida não sopra, se não se reza; e, sem a oração, não se abrem as prisões interiores que nos mantêm prisioneiros. Por isso, disse e escreveu o Papa, há poucos dias: “*Não acredito na santidade sem oração*” (GE 147).

**4. A celebração dos Santos Populares**

O caminho da santidade, enquanto medida alta da vida cristã comum, não é um caminho fácil. Porque falamos então de “santos populares”? Ao celebrarmos estes dois grandes apóstolos, depois de Santo António e São João, somos convidados a reconhecer-nos «*circundados de uma grande nuvem de testemunhas*» (12, 1), que nos incitam a correr para a meta. Mas, entre tais testemunhas, não estão apenas Santo António, São João, São Pedro. A sua vida mostra-nos que, “*entre tais testemunhas, podem estar a nossa própria mãe, uma avó ou outras pessoas próximas de nós (cf. 2 Tm 1, 5). A sua vida talvez não tenha sido sempre perfeita, mas, mesmo no meio de imperfeições e quedas, continuaram a caminhar e agradaram ao Senhor*” (GE 7).

Por isso, celebrar os santos populares desafia-nos a “*ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade «ao pé da porta», daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da «classe média da santidade*» (GE 7)

**5. A santidade popular quotidiana**

Na verdade, diz-nos o Papa, “*para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra.*

*- És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação!*

*- Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja!*

*- És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos.!*

*- És pai, mãe, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus!*

*- Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais*” (GE 14).

E concretizando ainda mais:

- Vais ao mercado fazer compras, encontras uma vizinha, começa a conversa fiada e… surgem as críticas. Mas tu dizes para contigo: «*Não! Não falarei mal de ninguém*»: isto é um grande passo rumo à santidade.

- Estás em casa, o teu filho reclama a atenção, para falar das suas fantasias e tu, embora cansado(a), sentas-te ao seu lado e escuta-lo com paciência e carinho. Eis uma oferta que te santifica!

- Atravessas um momento de angústia, mas lembras-te do amor da Virgem Maria, pegas no terço e rezas com fé? É outro caminho de santidade!

- Segues pela estrada fora, encontras um pobre e deténs-te a conversar carinhosamente com ele. É mais um passo no caminho da santidade (cf. GE 16)!

- Vives o momento presente, cumulando de amor tudo o que fazes e aproveitas todas as ocasiões, ao longo doa dia, para realizares as ações mais comuns de modo extraordinário: isso é santidade (GE 17).

Em tudo e sempre, “*deixa que a graça do teu batismo, frutifique num caminho de santidade*” (GE 15). A santidade é o rosto mais belo da Igreja (GE 9) e o mais belo dom da Igreja ao mundo.

***HOMILIA DO PAPA FRANCISCO***

*Basílica de São Pedro Quinta-feira, 29 de junho de 2023*

Pedro e Paulo, dois Apóstolos enamorados do Senhor, duas colunas da fé da Igreja... E enquanto contemplamos a sua vida, o Evangelho de hoje coloca diante de nós a pergunta que Jesus dirige aos seus: «*Vós, quem dizeis que Eu sou?*» (*Mt* 16, 15). Esta é a pergunta fundamental, a mais importante: Quem é Jesus para mim? Quem é Jesus na minha vida? Vejamos como os dois Apóstolos responderam a esta pergunta.

A resposta de Pedro poder-se-ia resumir numa palavra**: *seguimento***. Pedro vive os seus dias no seguimento do Senhor. Naquele dia, quando Jesus interpelou os discípulos em Cesareia de Filipe, Pedro respondeu com uma estupenda profissão de fé: «Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo» (*Mt* 16, 16). Uma resposta impecável, precisa, pontual! Poderíamos falar duma resposta «de catecismo» perfeita. Mas tal resposta é fruto dum caminho: só depois de ter vivido a fascinante aventura de seguir o Senhor, só depois de ter caminhado com Ele, seguindo os seus passos durante muito tempo, é que Pedro chegou àquela maturidade espiritual que, por graça, por pura graça, o leva a tão clara profissão de fé. De facto, como narra o mesmo evangelista Mateus, tudo tinha começado naquele dia em que Jesus, passando ao longo do mar da Galileia, o chamou, juntamente com seu irmão André: «eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-No» (*Mt* 4, 20). Pedro largou tudo, para ir atrás do Senhor. E o Evangelho sublinha: «imediatamente». Pedro não disse a Jesus que iria pensar nisso, não fez cálculos para ver se lhe convinha, não apresentou desculpas para adiar a decisão, mas deixou as redes e seguiu-O, sem pedir antecipadamente qualquer segurança. Haveria de descobrir tudo *dia após dia*, no seguimento de Jesus, caminhando atrás d’Ele. Não é por acaso que as últimas palavras – segundo os Evangelhos – que Jesus lhe dirige são: «Tu, segue-Me» (*Jo* 21, 22), isto é, **o seguimento.**

Assim Pedro diz-nos que, à pergunta «**quem é Jesus para mim**», não basta responder com uma fórmula doutrinal impecável nem mesmo com uma ideia que formamos duma vez por todas. Não. Mas **é perseverando todos os dias no seguimento do Senhor** que aprendemos a conhecê-Lo; é fazendo-nos seus discípulos e acolhendo a sua Palavra que nos tornamos seus amigos e experimentamos o amor d’Ele que nos transforma. Aquela anotação «***imediatamente***» vale também para nós: se há tantas coisas na vida que podemos adiar, o seguimento de Jesus não pode ser uma delas; nisto não se pode hesitar, nem apresentar desculpas. E atenção! Pois algumas desculpas aparecem disfarçadas de espiritualidade, como quando se diz «não sou digno», «não sou capaz», «que posso fazer eu?». Trata-se de artimanhas do diabo, que nos rouba a confiança na graça de Deus, fazendo-nos crer que tudo depende das nossas capacidades.

Devemos desprender-nos das nossas seguranças – seguranças terrenas –, imediatamente, e seguir Jesus todos os dias: tal é a lição que Pedro nos dá hoje, convidando-nos a ser uma Igreja-em-seguimento. Igreja-em-seguimento. Igreja que deseja ser discípula do Senhor e humilde serva do Evangelho.

Consideremos agora o Apóstolo dos gentios. Se a resposta de Pedro consistia no seguimento, a de Paulo é ***o anúncio*,** o anúncio do Evangelho. Também para ele, tudo começou por graça, por iniciativa do Senhor. No caminho de Damasco, enquanto se empenhava com orgulho na perseguição dos cristãos, entrincheirado nas suas convicções religiosas, veio ao seu encontro Jesus ressuscitado e cegou-o com a sua luz, ou melhor, graças àquela luz, Saulo deu-se conta de quanto era cego. Fechado no orgulho da sua rígida observância, descobre em Jesus a realização do mistério da salvação. E desde então, comparando-as com a sublimidade do conhecimento de Cristo, considera todas as suas seguranças humanas e religiosas como «esterco» (*Flp* 3, 8). Assim Paulo consagra a sua vida a percorrer terra e mar, cidades e aldeias, não se importando de padecer carências e perseguições, contanto que possa anunciar Jesus Cristo. Por outro lado, quase parece que ele, quanto mais anuncia o Evangelho, tanto mais conhece Jesus. O anúncio da Palavra aos outros permite-lhe, a ele também, penetrar nas profundezas do mistério de Deus; a ele, Paulo, que escreveu «ai de mim se eu não evangelizar» (*1 Cor* 9, 16); a ele que confessa, «para mim, viver é Cristo» (*Flp* 1, 21). Portanto Paulo diz-nos que, à pergunta «quem é Jesus para mim», não se responde com uma religiosidade intimista, que nos deixa tranquilos sem fomentar em nós a inquietação de levar o Evangelho aos outros. O Apóstolo ensina que tanto mais crescemos na fé e no conhecimento do mistério de Cristo, quanto mais formos seus arautos e testemunhas. E isto acontece sempre: *quando evangelizamos, ficamos evangelizados*. É experiência de todos os dias: quando evangelizamos, ficamos evangelizados. A Palavra, que levamos aos outros, regressa a nós numa medida maior do que a usada para a oferecer (cf. *Lc* 6, 38). E também hoje a Igreja tem necessidade disto: de colocar o anúncio no centro, de ser uma Igreja que não se cansa de repetir, «para mim, viver é Cristo» e «ai de mim se eu não evangelizar». Uma Igreja que precisa de anunciar, como necessita de oxigénio para respirar, que não pode viver sem transmitir o abraço do amor de Deus e a alegria do Evangelho.

Irmãos e irmãs, festejamos Pedro e Paulo. Eles responderam à pergunta fundamental da vida – quem é Jesus para mim? – vivendo o seguimento de Jesus e anunciando o Evangelho. É bom crescer como Igreja do seguimento, como Igreja humilde que nunca dá por terminada a busca do Senhor, tornando-se simultaneamente uma Igreja aberta, que encontra a sua alegria, não nas coisas do mundo, mas no anúncio do Evangelho ao mundo a fim de semear no coração das pessoas a inquietação de Deus. Com humildade e alegria, há de levar o Senhor Jesus a todo o lado: à nossa cidade de Roma, às nossas famílias, às relações e vizinhanças, à sociedade civil, à Igreja, à política, ao mundo inteiro, especialmente onde se verifica pobreza, degradação e marginalização. (…) Caminhemos juntos, caminhemos juntos no seguimento e no anúncio da Palavra, crescendo na fraternidade. Que Pedro e Paulo nos acompanhem e intercedam por todos nós.

**HOMILIA DO PAPA FRANCISCO**

Basílica de São Pedro  
Sábado, 29 de junho de 2024

Fixemos o nosso olhar nos dois Apóstolos, Pedro e Paulo: o pescador da Galileia que Jesus fez pescador de homens; o fariseu perseguidor da Igreja transformado pela Graça em evangelizador dos gentios. À luz da Palavra de Deus, deixemo-nos inspirar pelas suas histórias e pelo zelo apostólico que marcou o caminho das suas vidas. Ao encontrarem o Senhor, fizeram uma verdadeira experiência pascal: foram libertados e *abriram-se diante deles as portas de uma vida nova*.

Irmãos e irmãs, nas vésperas do ano jubilar, detenhamo-nos precisamente na imagem da *porta*. Com efeito, o Jubileu será um tempo de graça no qual abriremos a **Porta Santa,** para que todos possam atravessar o limiar daquele santuário vivo que é Jesus e, n’Ele, experimentar o amor de Deus que revigora a esperança e renova a alegria. Também na história de Pedro e Paulo há portas que se abrem.

A primeira leitura contou-nos o acontecimento da libertação de Pedro da prisão. Esta narrativa tem muitas imagens que nos recordam a experiência da Páscoa: o episódio ocorre durante a festa dos Ázimos; Herodes recorda a figura do Faraó do Egito; a libertação tem lugar de noite, como aconteceu com os israelitas; o anjo dá a Pedro as mesmas instruções que foram dadas a Israel: levanta-te depressa, põe o cinto, calça as sandálias (cf. *At* 12, 8; *Ex* 12, 11). Portanto, o que nos é narrado é um novo êxodo: Deus liberta a sua Igreja, o seu povo acorrentado, e mostra-se mais uma vez como o Deus da misericórdia que sustenta o seu caminho.

Naquela noite de libertação, a princípio abrem-se milagrosamente as portas da prisão; depois diz-se, de Pedro e do anjo que o acompanha, que eles estão diante da «porta de ferro que dá para a cidade, a qual se abriu por si mesma» (*At* 12, 10). Não são eles que abrem a porta, ela abre-se por si mesma. É Deus que abre as portas, é Ele quem liberta e abre caminhos. A Pedro – como ouvimos no Evangelho – Jesus tinha confiado as chaves do Reino; mas ele experimenta que é o Senhor quem abre primeiro as portas. Ele vai sempre à nossa frente.

Chega a ser curioso: as portas da prisão são abertas pela força do Senhor, mas depois Pedro encontrará dificuldades para entrar na casa da comunidade cristã, aquela que vai à porta pensa que é um fantasma, e não a abre. Quantas vezes as comunidades não aprendem esta sabedoria de “abrir as portas”.

O caminho do apóstolo Paulo é, também e sobretudo, uma experiência pascal. Efetivamente, primeiro ele é transformado pelo Ressuscitado no caminho de Damasco e, depois, na contemplação contínua de Cristo crucificado, descobre a graça da fraqueza: quando somos fracos – afirma – é então que somos realmente fortes, porque já não nos apegamos a nós mesmos, mas a Cristo (cf. *2 Cor* 12, 10). Alcançado pelo Senhor e crucificado com Ele, Paulo escreve: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (*Gl* 2, 20). O objetivo de tudo isto, porém, não é uma religiosidade intimista e consoladora, como hoje nos apresentam alguns movimentos na Igreja, com uma “espiritualidade de salão”; pelo contrário, o encontro com o Senhor acende na vida de Paulo o zelo pela evangelização. Como ouvimos na segunda leitura, no fim da sua vida ele declara: «O Senhor esteve comigo e deu-me forças, a fim de que, por meu intermédio, o anúncio fosse plenamente proclamado e todos os gentios o escutassem» (*2 Tm* 4, 17).

Precisamente para contar como o Senhor lhe deu tantas oportunidades de anunciar o Evangelho, Paulo recorre à imagem das portas abertas. Sobre a sua chegada a Antioquia juntamente com Barnabé, diz-se que «assim que chegaram, reuniram a igreja e contaram tudo o que Deus fizera com eles, e como abrira aos pagãos a porta da fé» (*At* 14, 27). Do mesmo modo, dirigindo-se à comunidade de Corinto, diz: «abriu-se ali uma porta larga e propícia» (*1 Cor* 16, 9); e escrevendo aos Colossenses, exorta-os assim: «orai também por nós, para que Deus abra uma porta à nossa pregação, a fim de que eu anuncie o mistério de Cristo» (*Col* 4, 3).

Irmãos e irmãs, os dois Apóstolos Pedro e Paulo fizeram esta experiência de graça. Tocaram com as mãos a obra de Deus, que lhes abriu as portas da sua prisão interior e também das prisões reais onde estavam encerrados por causa do Evangelho. E abriu-lhes, igualmente, as portas da evangelização, para que pudessem experimentar a alegria do encontro com os irmãos e irmãs das comunidades nascentes e levar a todos a esperança do Evangelho. E assim, nos preparamos para abrir a Porta Santa, neste ano!

(…) Que os Santos Pedro e Paulo nos ajudem a abrir a porta da nossa vida ao Senhor Jesus, que eles intercedam por nós, pela cidade de Roma e pelo mundo inteiro. Amém.